



Instituto de Letras

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Licenciatura em Letras/Português

Bianca Brignoni

O ABC do negro em Jorge Amado:

Jubiabá e Tenda dos Milagres

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção de título de Licenciada em Letras/Português.

Orientador: Edvaldo Aparecido Bergamo

Brasília

2014

Sumário

1. Introdução.....	03
2. O Romance de Jorge Amado.....	05
3. <i>Jubiabá</i> : ABC do Antônio Bauduíno.....	15
4. <i>Tenda dos Milagres</i> : morte e vida de Pedro Arcanjo....	24
5. Conclusão.....	35
6. Referências Bibliográficas.....	39

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo analisar e discutir duas obras de Jorge Amado, *Jubiabá* (1935) e *Tenda dos Milagres* (1969) quanto a aspectos referentes à narrativa e, principalmente, à trajetória de seus personagens centrais: Antônio Balduino e Pedro Archanjo, respectivamente.

Num primeiro momento, será situada a obra de Jorge Amado no decorrer das décadas de 1930 e 1960, evidenciando as modificações na estrutura narrativa e no teor crítico e temático de suas obras no passar desses anos, e dando ênfase principalmente ao foco narrativo que cada momento da obra amadiana apresentou e como se deu sua evolução com o passar do tempo. Neste primeiro capítulo os principais romances de Jorge Amado serão contextualizados à trajetória intelectual do autor e ao que se passava no país no período em que foram escritos, dando um panorama histórico-literário que vai dos anos de 1930 até o final dos anos de 1960.

Num segundo momento, a obra *Jubiabá* será apresentada começando pela trajetória do protagonista e, a partir daí, será feita uma análise com atenção específica no que diz respeito ao trabalho, à política, à exploração no campo e na cidade e à luta de classes. É um capítulo que consiste essencialmente em compreender o romance sob a perspectiva do protagonista, percebendo no que a trajetória de Antônio Balduino tem a oferecer para garantir a qualidade da narrativa e em como a forma de narrar se mostra um fator de relevância para se chegar ao que essa obra de fato é e representa para a literatura brasileira.

O terceiro e último capítulo irá analisar o romance *Tenda dos Milagres*, obra que foi escrita mais de 30 anos após *Jubiabá*. A análise dará ênfase à história de vida do personagem principal do romance Pedro Archanjo, focando-se na luta do personagem pela miscigenação e contra o preconceito racial. Também será analisada a relação de Pedro Archanjo com os demais personagens, sem deixar de observar como são *configurados* os narradores do romance e como todo o movimento narrativo se dá com a estrutura complexa que é percebida na obra.

Para concluir este estudo será feita uma última análise, desta vez comparativa, que tem por objetivo observar o que permanece e o que se modifica de uma obra para a outra, sempre sob a perspectiva do protagonista de cada obra e de como cada um destes personagens centrais evolui no decorrer de suas trajetórias. Além dessa perspectiva será

observado como Balduíno e Archanjo levam para a vida que aprendem e como colocam em prática o que aprenderam para modificar o meio social e trazer, cada um ao seu modo, a revolução para sua realidade.

O romance de Jorge Amado de 1930 a 1960

Para dar início a este trabalho, será apresentado o Jorge Amado da década de 1930, década em que a literatura social ganhou maiores proporções, como se pode observar claramente nas obras amadianas dessa época e também em obras de autores como Rachel de Queiroz, José Lins do Rego e Graciliano Ramos. Ainda existem controvérsias no que diz respeito ao que pode ter motivado a literatura de esquerda dos anos de 1930 a ter seguido o caminho do engajamento político e da luta de classes, sendo que a influência pode ter vindo como uma consequência da Semana de Arte Moderna de 1922, que coincidiu com o Centenário da Independência, culminando na Revolução de Outubro de 1930, como também pode ter sido um percurso que naturalmente aconteceria, considerando a fundação do Partido Comunista Brasileiro e a linha de pensamento dos intelectuais de esquerda que estavam em cena no período.

Assim como o(a)s autore(a)s citado(a)s acima, Jorge Amado era nordestino; o que fez com que a maior parte das obras literárias de esquerda da época fossem consideradas “romance nordestino”, mesmo que o regionalismo tivesse surgido como forma de documentar a realidade que tais autores viam e viviam, aparecendo de forma natural e livre em cada romance. Ainda sobre o romance nordestino segue um fragmento de Antonio Candido, que contempla e complementa o assunto em questão:

Surgiu e se colocou, pela primeira vez na literatura nacional, como um movimento de integração ao patrimônio da nossa cultura da sensibilidade e da existência do povo, não mais tomado como objeto de contemplação estética, mas de realidade rica e viva, criadora de poesia e de ação, a reclamar o seu lugar na nacionalidade e na arte, que neste ponto tocava o ponto vivo da sua missão no Brasil.[...] Até aí o romance fora feito em vista da satisfação da burguesia litorânea, mais ou menos europeizada. E por escritores burgueses, na sua maioria. Ou que se aburguesavam. A partir daí, vamos ver um fenômeno diferente: em grande parte os escritores procuram se

desaburguesar. Se desaburguesando, vão tentar pôr de lado uma série de valores culturais próprios à burguesia litorânea (CANDIDO, 2004, p.42).

Foi em meados de 1930 que finalmente a massa, o povo brasileiro começou a aparecer nas narrativas e, o mais importante, começou a aparecer em personagens advindos do proletariado, mais verossimilhantes e mais bem interpretados do que os que haviam aparecido até então. Dentro deste contexto está situado Jorge Amado, que em sua primeira obra, *País do Carnaval*, romance de transição que mostra um cenário de um modernismo depois de 22, evidenciando que o autor já deixava transparecer a tendência a um posicionamento político de esquerda, voltado para o neo-regionalismo que surgia aos poucos, mesmo que de maneira bem mais sutil em *Cacau*, romance voltado para a luta de classes e ao homem do campo.

Desde seu primeiro romance, Jorge Amado estabelecera contato com o poeta e editor Augusto Frederico Schmidt e com muitos outros intelectuais e escritores que também participavam do mundo das letras no período. Apesar de jovem, Jorge Amado já em 1933 lançava seu segundo romance: *Cacau*, que fora considerado evoluído frente a *O País do Carnaval*. Em seu primeiro romance o protagonista Paulo Rigger é herdeiro da Oligarquia cacauzeira, sendo um personagem modernista típico, enquanto que João Valério, protagonista de *Cacau*, é um personagem fruto de longas observações de Amado sobre a dura realidade vivida pelos trabalhadores de uma fazenda de cacau. Neste ponto já se pode ver um Jorge Amado que, filiado ao PCB desde o ano anterior, passa a aprofundar e explicitar a crítica ao capitalismo e à exploração do povo enquanto força de trabalho, deixando um pouco de lado essa transição entre República Velha e o novo governo que surgia. *Cacau* é um romance preenchido mais de fatos do que de requinte, sendo muito mais documental e denso, tanto pela forma coloquial da fala dos personagens, quanto pela aproximação da fala do narrador à fala dos personagens.

A temática da consciência de classes continua a ser abordada no romance que Jorge Amado publica em seguida, *Suor* (1934), porém agora utilizando de um cenário ainda mais difícil e totalmente degradado: o Casarão número 68 do Pelourinho, situado na “cidade da Bahia”. Segundo Duarte (1996, p.65), os trechos que se passam no

casarão formam “um painel ou mural social”, tamanha a fragmentação e a ausência de enredo, sendo uma narrativa comparada por Assis Duarte à “obra de Picasso ou dos muralistas mexicanos”. O contexto escolhido pelo autor torna a obra muito mais visceral e intensa, mostrando a realidade de forma direta e bruta, sem grandes reflexões acerca da vida dos personagens. Essa rapidez que ocorre durante toda a narrativa, o desenrolar sem delongas que transforma a vida de cada personagem em pequenas crônicas, facilita a criação de uma ideia de coletivo, o que vai ao encontro à proposta da obra amadiana do período, que já vem desde *Cacau* com o objetivo de pensar nas pessoas como um todo, de pensar no coletivo.

Quanto ao processo pelo qual a obra amadiana passou desde o primeiro romance, com ênfase nos dois subsequentes, temos o trecho de Duarte que amarra a idéia em tela:

Em *Suor*, repete-se a mesma tensão entre documento e planfeto detectada em *Cacau*, entretanto com maior prejuízo para a construção de ações e personagens típicos que pudessem representar o todo de sua classe. Ambos são textos próprios ao referido processo de aprendizagem, exercícios ficcionais nos quais o autor experimenta seu projeto de uma literatura engajada, com ênfase nas coletividades oprimidas. Os três romances iniciais, principalmente *Cacau* e *Suor*, revelam antes de tudo a adesão Amadiana a tradição do testemunho e do libelo, própria à literatura nordestina desde o século XIX. O autor reelabora a tradição, combinando-a ao intento socializante. Nem sempre o resultado é feliz, mas acaba deixando algumas lições e indicando à crítica o trajeto percorrido, com suas limitações e acertos (DUARTE, 1996, p.72).

Quando Assis Duarte coloca que “nem sempre o resultado é feliz”, refere-se ao nível de “desleixo” e de “pressa” dessas três primeiras obras, características que estiveram em pauta dentro da crítica literária da época.

Após esse período mais documental de Jorge Amado, chega-se ao auge do romance proletário no Brasil, o ano de 1935, ano de publicação de *Jubiabá* e da criação da Aliança Nacional Libertadora, fundada para auxiliar o Brasil na luta contra a influência fascista. A obra amadiana se mostra mais madura e utiliza de uma estrutura conhecida há muito dentro do meio literário, o romance de formação e o romance de folhetim. É considerado um romance com um teor alto de idealização pela “falta de embasamento maior na prática de vida do personagem”, que ainda segundo Duarte (1996, p.110), é uma espécie de “licença poética do romance romanesco, que, mesmo arranhando a verossimilhança, faz parte das convenções e procedimentos adotados textualmente.” (DUARTE, 1996, p.110). É importante ressaltar que a obra não perde qualidade por conta da idealização do autor, pelo contrário, é uma obra realista que mostra que o Jorge Amado de 1935 é evoluído no que diz respeito à construção e estruturação de seus romances, o que será abordado com mais profundidade e detalhismo no capítulo subsequente a este.

Em 1936, Jorge Amado publica *Mar Morto*, romance no qual, segundo Candido (2004, p.45), Jorge Amado “perde francamente o pé e se afunda na pura poesia”. É o romance menos documental e mais poético do autor, o que segundo Candido não faz o leitor perder no que diz respeito à compreensão e conhecimento, mas pelo contrário, faz com que obra e leitor se enriqueçam em conhecimento e em valor, tendo o próprio oceano como cenário, sendo que “ele invade o livro todo, pois ele é o livro.” (CANDIDO, 2004, p.46). O mar de *Mar Morto* é o mesmo que está presente na vida de Antonio Balduino durante grande parte do enredo de *Jubiabá*, assim como o litoral e o cais nascem com *Jubiabá* e seguem *Capitães da Areia* narrativa adentro.

Em *Jubiabá* temos a recorrência de um personagem, Antônio Balduino, que aparece tangencialmente em *Suor* para ganhar o espaço de protagonista na obra de 1935. O romance que Jorge Amado publica em 1937, *Capitães da Areia*, apresenta uma história que já vinha sendo pensada desde *Jubiabá*, levando a narrativa do centro da cidade da Bahia para o litoral, onde Pedro Bala vive uma realidade paralela a que Baldo viveu em sua mocidade. Tanto *Jubiabá* quanto *Capitães da Areia* apresentam a estrutura do romance de formação com um conflito que remete ao folhetinesco, aproximando os dois romances no que diz respeito à construção narrativa, aliviando entretanto o peso na idealização de descoberta da militância vivida pelo protagonista

Pedro Bala, consequência que talvez advenha de uma mudança na forma de pensar o movimento de esquerda na própria cabeça de Jorge Amado. O autor percebe que a humanidade de seus personagens poderia vir em destaque em relação à luta de classes propriamente dita, que por trás de cada proletário existe um homem, uma mulher. Intelectuais como Sérgio Buarque de Holanda e Wilson Martins criticam em “Três Romances” (1948) e “Arte e Literatura” (1947), respectivamente, a contribuição de Jorge Amado à literatura de 30 por acreditarem que em Amado já apareciam sinais de uma “exaustão narrativa”, afirmando que a militância política comunista não conseguira ser encaixada de forma adequada às suas obras. O comunismo que caracterizava as narrativas de Jorge Amado, no entanto, começaria a dar espaço para uma nova abordagem, para uma nova forma de abordar a exploração, a política e o povo da Bahia.

De fato, a literatura amadiana passou por uma guinada, que aparece na década de 1940, marcando os romances *Terra do Sem Fim* (1943) e *São Jorge dos Ilhéus* (1944) com o cenário rural do interior da Bahia. O próprio autor na nota introdutória de *São Jorge dos Ilhéus* diz que as duas obras “formam uma única história: a das terras do cacau no sul da Bahia”. Quando Jorge Amado escreveu ambos os romances, o sul da Bahia de fato mostrava forte desenvolvimento na monocultura de cacau, o que tornou os dois romances uma forma de que as pessoas tomassem consciência da realidade na qual os “alugados” pelos senhorios das fazendas cacauzeiras viviam, de modo que as pessoas enfim percebessem do que se tratava a vida e a rotina dos explorados do meio rural baiano. É importante observar que desde *Suor* as narrativas amadianas retratavam e diziam a respeito do meio urbano, ambiente que remete ao operário e não mais ao lavrador e aos demais trabalhadores do campo. Esse reencontro literário do autor com o meio rural por si só já apresenta uma mudança de perspectiva, ideia que é corroborada por autores como Costa Lima, que vê em *Terra do Sem Fim* uma mudança visível no modo com que Jorge Amado escreve, considerando tal modificação um aprimoramento na obra amadiana como um todo:

A qualidade da dialogação, viva e ativando a narrativa, que não deixa de ser precisa ante a multiplicidade e personagens de várias escalas sociais, e a força descritiva, libertam-se agora do magismo sentimental. Ao longo da ação não há interferência de personagens falsos e idealizados, como são os personagens

políticos do autor. A própria disposição dos capítulos provoca o crescimento de tensão do romance. É o que acontece na passagem que, se narra o drama de Ester, sob a tocaia que lhe arma o passado com a presença de Virgílio, e a vigília do negro Damião, na espera de que Firmo se apresente para o tiro encomendado por Sinhô Badaró (LIMA, 2004, p.377).

Um dos aspectos no qual *São Jorge dos Ilhéus* difere de seu romance antecedente no que diz respeito à narrativa, é o fato de o coronelismo ser representado de forma menos romanesca, que segundo Duarte (1996, p.155) “fica por conta da representação da burguesia comercial, quase ausente do primeiro texto e alçada agora ao lugar preeminente de vilã maior.”, ou seja, há um interesse maior por parte do autor em mostrar a que fim levava as plantações cacauceiras e a exploração daqueles homens e mulheres. Em que medida isso beneficiava e fazia crescer as riquezas dos coronéis donos daquelas terras e próximos aos políticos e seus interesses.

Em 1946, Jorge Amado publica mais um romance, tendo sido eleito como Deputado Federal pelo Partido Comunista Brasileiro no ano anterior¹. Em *Seara Vermelha* a vida nômade, o êxodo rural e a tomada de terras são temas fortemente abordados, acompanhando o trajeto de Juvêncio e sua família, que é expulsa de sua propriedade em consequência da má distribuição de terras e se vê obrigada a sair sertão baiano afora na esperança de uma vida melhor, que por final descobre-se que não existe. *Seara Vermelha*, apesar de tratar do ambiente inóspito e seco que é o sertão, aproxima-se dos demais romances amadianos escritos na década de 1940 por mostrar o forte coronelismo que dominava terras baianas e que até hoje influencia a política de diversas cidades interioranas brasileiras. A forma com que Jorge Amado constrói a narrativa dá o tom realista necessário à época em que o romance se passa, tempo que oscila entre 1935 e os anos subsequentes, quando Juvêncio já se encontra em cárcere. É um romance que alarga ainda mais as fronteiras da obra amadiana, pois se preocupa com questões que abrangem a vida de grande parte dos nordestinos, não só da Bahia, mas de toda caatinga brasileira.

1 O mandato do escritor não chega a ser completado. Em 1948, o registro do Partido Comunista Brasileiro é cancelado e Jorge Amado tem seu mandato cassado, partindo para Paris no mesmo ano, em exílio voluntário.

Na década de 1950, Jorge Amado escreve a trilogia de obras *Os Ásperos Tempos*, *Agonia da Noite* e *A Luz no Túnel*, sendo o conjunto de obras titulado como *Subterrâneos da Liberdade*. Apesar de ter sido publicado em 1954, o conjunto de obras tem sua narrativa focada na tomada de poder feita por Getúlio Vargas em 1937, seguindo até o ano de 1954. Assim como em outras obras amadianas, a narrativa de *Subterrâneos da Liberdade* é romanesca, o que altera o que se tem como padrão para o realismo socialista, que requer total fidelidade tanto à história quanto ao estilo de vida real dos que estão representados na narrativa. Considerando que o intuito de Jorge Amado é o de escrever para que todos tenham acesso à sua obra, é fácil perceber que a superficialidade, o suspense, o heroísmo exagerado e o romance que por vezes soa como esquemático são artifícios utilizados pelo autor para que a leitura não se torne enfadonha àqueles que não possuem o hábito da leitura.

O romance romanesco de Jorge Amado continua após a publicação de *Subterrâneos da Liberdade*, porém agora com uma nova perspectiva. *Gabriela, cravo e canela* (1958) é uma das obras amadianas que atingiu grande êxito, mostrando uma nova mudança de foco na escrita de Jorge Amado. Se nas décadas de 1930, 1940 e na primeira metade da década de 1950 o romance proletário tomou as atenções da literatura amadiana, agora já próximo à década de 1960, Jorge Amado traz a mulher como foco principal. Gabriela é uma personagem que surge numa tentativa bem sucedida de romper com o estereótipo que se tinha da mulher nos anos de 1950, mostrando uma mulher dona de si, que segundo Duarte (1997, p.96) “condiz com a nova mulher: trabalhadora operosa, não se deixa reduzir a mera força de trabalho. Assim, ela surge com mais complexidade e inteireza que a musa carioca. Gabriela não é só objeto”. É interessante observar como Jorge Amado consegue representar a mulher de diversas formas, criando personagens secundárias que não deixam que Gabriela acabe tornando uma obra que nasceu com o intuito de quebrar estereótipos se tornar um agente homogeneizador da figura da mulher na literatura. Quanto a este aspecto vale a leitura de mais um trecho de Duarte:

As personagens Ofenísia, Sinhazinha, Glória, Malvina e Gabriela simbolizam diferentes momentos desse processo. Se as duas primeiras secam ou fenecem por seus maridos – a romântica Ofenísia morre de um amor não correspondido e

Sinhazinha é assassinada por adultério – as três últimas, de um modo ou de outro, conseguem ultrapassar a submissão à 'lei não-escrita' que reduzia a mulher a propriedade masculina. Glória se livra incólume do Coronel; Malvina foge em busca da auto-afirmação; e Gabriela trai e renega o casamento sem ser punida (DUARTE, 1997, p.96-7).

Essa mudança na obra amadiana começa a dar maior destaque às questões que envolvem gênero e etnia, marcando o retorno da narrativa à Bahia e dando um passo à frente no que diz respeito a estudar e representar a cultura, deixando em segundo plano a luta de classes que nos anos de 1930 esteve no auge dentro da literatura para tratar de questões que enxergam o indivíduo de uma maneira que até então não havia sido pensada na obra amadiana. É importante frisar que, no entanto, a obra de Jorge Amado não deixa de ser política e engajada.

Ainda nos anos de 1950, Jorge Amado publica na revista *Senhor* a novela *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água*, que na época fora titulada como *A discutida morte de Quincas Berro D'Água*. Em 1961, a novela é publicada acompanhada da narrativa *A completa verdade sobre as discutidas aventuras do comandante Vasco Moscoso de Aragão, capitão-de-longo-curso*, em um único volume intitulado *Os Velhos Marinheiros*. A novela fez grande sucesso assim que publicada, sendo considerada por muitos como a obra-prima de Jorge Amado, por deixar em aberto o real motivo da morte do protagonista Joaquim e por ser uma obra que tem a morte representada de diversas formas, fazendo com que em alguns momentos o deixar de existir seja o próprio ato de mudança, de passagem de um comportamento a outro. O fato de Joaquim deixar o núcleo da família para cair em perdição instiga a todos por ser uma atitude que para os familiares não possuía motivação. A incerteza permeia toda a novela e permanece até o último instante, onde a “segunda morte” de Joaquim acontece, deixando as opiniões divididas entre família e amigos quanto ao real motivo pelo qual o personagem morre.

Jorge Amado publica em 1964 *Os Pastores da Noite*, romance que tem como cenário principal o Pelourinho. O romance é composto por três partes autônomas que são ligadas por personagens comuns à obra como um todo. Assim como nas obras amadianas iniciais, este romance tem como personagens algumas figuras que

simbolizam pessoas ligadas ao espiritual e ao mundano, como a Mãe-de-Santo Doninha; o padre Gomes, que é neto de um obá de Xangô; a cafetina Tibéria e tantos outros que ajudam a compor esse meio social. Nesse período é possível observar um Jorge Amado que passou a perceber que as minorias se encontram não apenas no proletariado, uma vez que a intriga retrata a vida de pessoas que fazem parte da vida noturna, que prezam o jogo, a bebida e os prazeres mundanos e que não tem afeição alguma pelo trabalho. É importante ressaltar que a religiosidade também é marca do romance, pois na segunda narrativa tem-se o momento em que o filho do negro Massu é batizado, tendo Ogum como seu padrinho, sendo toda essa passagem da narrativa uma forma de perceber como Jorge Amado foi feliz em apresentar a riqueza cultural que só a miscigenação é capaz de criar.

Ao final do romance, Jorge Amado utiliza da ocupação do Morro do Mata Gato para mostrar como funciona o jogo de interesses entre áreas que detém grande parte do poder sobre a sociedade, colocando na disputa a polícia, autoridades governamentais, imprensa corrupta e os banqueiros do jogo do bicho. O enredo e o desenrolar da história não foram muito bem valorizados pela crítica da época, mas a forma com que Jorge Amado escreveu o romance não perde qualidade em relação às obras do período que antecederam *Pastores da Noite*.

Nas décadas de 1940 e 1950 a obra amadiana passou por outros cenários, percorrendo o Brasil e utilizando de diferentes temas e focos narrativos, voltando para o carnavalesco em 1966, com a escritura de *Dona Flor e Seus Dois Maridos*. Quanto à mediação entre dois elementos opostos, o que caracteriza o carnavalesco de um modo amplo, seguimos DaMatta sobre o romance:

De fato, o dado mais extraordinário da história de Dona Flor é, obviamente, que ela decide não decidir e permanece casada tanto com seu segundo marido, o comedido Dr. Teodoro sem, entretanto, deixar de ser amante do primeiro cônjuge, o excessivo Vadinho. Do mesmo modo que o carnaval realiza a mediação entre os universos da tristeza e da felicidade [...], Dona Flor também descobre um caminho alternativo. Uma via que, no plano implícito ou simbólico, acena com uma saída para o Brasil, possibilitando juntar nosso lado burguês, capitalista,

legisferante, necessariamente racional e apolíneo, como nosso lado paternalista, malandro, ambíguo e dionísico (DAMATTA p.123).

Quando faz essa relação entre os personagens e o Brasil, DaMatta (1997, p.132) coloca a personagem feminina Dona Flor de uma forma em que ela fica no ponto de intersecção entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, o que “rompe com a tradição dualística [...], abrindo uma alternativa muito mais ajustada a um mundo globalizado, no qual várias culturas se encontram...”. A partir daí fica evidente o interesse de Jorge Amado em mostrar a importância da mistura e da quebra de paradigmas, uma transgressão que marca a literatura brasileira ao colocar a figura feminina em inusitada e intensa situação, podendo ela decidir abster-se da decisão para ser, então, feliz.

A valorização da cultura dos brasileiros e das brasileiras de vida comum e simples da Bahia aparece com força ainda maior quando Jorge Amado publica *Tenda dos Milagres* (1969). Neste romance a miscigenação é o que faz a humanidade brasileira mais significativa, é o que faz com que o povo seja forte e belo, com que a música e as artes do Brasil sejam mais ricas e diversas em qualidade e criatividade. A principal simbologia da miscigenação está representada no momento em que Pedro Archanjo se relaciona com uma escandinava e com ela tem um filho, que nasce já na Europa.

Tenda dos Milagres é uma obra de suma importância não apenas por valorizar a cultura da Bahia e dos negros, mas por deixar explícito o quanto as religiões africanas eram e ainda são discriminadas e perseguidas, o que soa até como irônico, uma vez que são praticadas desde antes do Brasil ser, constitucionalmente, um país independente.

Depois de um breve apanhado no que se refere à obra amadiana na década de 1930 até o final da década de 1960, pode-se ter uma noção ampla quanto aos caminhos que Jorge Amado tomou em seu modo de pensar e escrever, o que dá base para a análise das obras *Jubiabá* (1935) e *TendadosMilagres* (1969), abordagens interpretativas que virão em sequência a esta parte do trabalho.

Jubiabá: ABC de Antônio Balduino

A presente parte da monografia irá fazer uma análise da obra *Jubiabá* (1935), voltando-se para a trajetória do protagonista Antônio Balduino, menino nascido no Morro do Capa Negro, e abordando questões que vão desde à formação da consciência política e da consciência negra, a pontos como a exploração do trabalhador, a formação do líder grevista e a religiosidade, que também está presente durante toda a jornada do herói negro.

Como mencionado anteriormente, Antônio Balduino é um jovem negro nascido no Morro do Capa Negro, local onde passará grande parte de sua infância, sempre vislumbrando o centro da cidade da Bahia, centro que o instigava e seduzia. Ainda na infância o jovem Baldo já se destacava em meio às outras crianças, sendo visto sempre como o chefe da molecada do morro e estando sempre atento às histórias contadas pelo pai-de-santo Jubiabá e malandro Zé Camarão. Órfão de pai e mãe, o menino é criado por sua tia Luísa, que ainda no início do romance fica louca e é levada para um sanatório, momento da narrativa em que o jovem negro “desce” para a cidade e vai morar na residência do comendador Pereira, onde conhece quem será durante toda sua trajetória o seu grande amor: Lindinalva, que como o próprio nome sugere era bela e muito branca. Balduino vive até sua mocidade na casa do comendador, frequentando a escola por um curto período em que aprende a ler e a escrever, período curto, pois logo é expulso da escola, da mesma maneira que viria a ser praticamente expulso da casa do comendador após calúnias criadas pela governanta Amélia acerca de como Balduino estaria “olhando as coxas de Lindinalva” (AMADO, 1969, p.60).

Com as mentiras odiosas feitas pela governanta racista, Baldo apanha muito e foge da Travessa Zumbi dos Palmares. A partir daí, ele passa a liderar um grupo de meninos de rua que se torna sua família durante esse período de malandragem. O jovem negro nesse período faz visitas frequentes ao Morro onde nascera, tendo a cidade da Bahia como casa, onde dorme onde quer e anda por onde quiser. A vida de malandro agradava muito a Antônio Balduino, que não se preocupava com o fato de não ganhar dinheiro, desde que jamais fosse escravo e que pudesse viver sua vida como ela era:

deitando mulatas no areal, tomando seu trago na Lanterna dos Afogados, frequentando a macumba e compondo seus sambas.

A vida de Antônio Balduino passa por mais uma mudança quando Luigi, um treinador de boxe que já não exercia a profissão, vê o negro dar um soco que leva o soldado Osório ao chão após uma briga por Maria dos Reis. Baldo larga a vida de malandro de rua ao ser contratado como *boxeur* por Luigi, iniciando assim sua carreira de lutador, que acaba sendo brilhante mas breve. Ao ler em um jornal a notícia que Lindinalva noivara, Baldo bebe muito e perde a luta contra um peruano, encerrando assim sua carreira de lutador. Após esses eventos e ainda o suicídio de Viriato, o Anão, seu amigo das épocas de mendigo, Antônio Balduino sai de Salvador no saveiro do Mestre Manuel, que o deixará juntamente ao seu amigo, O Gordo, em uma plantação de fumo ao sul no estado da Bahia. Os acontecimentos que vem a seguir compõem a segunda parte do romance, essencial para a formação política do Antônio Balduino que surgirá na terceira parte da obra.

Baldo vê a realidade das famílias que vivem da colheita do fumo e da fabricação de charutos, famílias constituídas de mulheres sofridas e homens cansados, sem perspectiva alguma de melhora, no que diz respeito à qualidade de vida, que era mínima. Nesse ponto o jovem negro vê e vive o estilo de vida que ele nunca em sua rotina malandra de outrora imaginava vivenciar. Ainda passando seus dias nas plantações de fumo, Antônio Balduino entra em uma rixa com Zéquinha, que também trabalhava na região, briga que finda com o capataz ao chão ferido a faca, e com a fuga do negro, que se esconde no mato e lá passa a noite. Baldo passa por um momento de grande reflexão e dificuldade durante sua estada no esconderijo, saindo de lá com um ferimento sério no rosto, que é curado por um desconhecido velho. Ao sair do casebre do ancião, tem-se um Antônio Balduino que muito difere do vadio dos tempos de moleque, agora Baldo está mudado e maturado pelo que viveu nas plantações de fumo e segue de trem para Feira de Santana, onde reencontra Luigi, que agora trabalhava em um circo. Baldo passa a participar do espetáculo como lutador.

Após o desmanche do Circo, que fora causado pela morte de Giusepe, o verdadeiro dono do espetáculo, Balduino segue no saveiro do Mestre Manuel de volta para a cidade em que se criara, voltando com um sentimento que ainda não se mostra claro, mas que vem surgindo como um crescendo no âmago do herói:

Quando ele fugiu (tinha apanhado uma surra tremenda do peruano Miguez) não sabia rir mais. Andava com a cabeça atravancada com as histórias de Jubiabá, com a vergonha da surra que tomara, com o fim da sua carreira de *boxeur*, com o noivado de Lindinalva. Agora sabia rir de nôvo e iria com certeza gostar das histórias trágicas de Jubiabá. Porque na sua fuga de dois anos vira muita miséria. A sua garganta tem hoje um tom cruel. E no seu rosto há um talho. Foram os espinhos da noite do cêco. Mestre Manuel pergunta pela história daquele talho. Maria Clara fica espiando no fundo. Antônio Balduíno conta e pensa no mar, nos guindastes do cais, nos navios negros que partem na noite. (AMADO, 1969, p.229).

Antes mesmo de chegar a sua cidade de destino já pensa no que irá encontrar ao retornar, o que inclui os guindastes que ele sempre desprezara, pois era onde homens que deveriam ser livres eram explorados. É depois de pouco tempo de chegada à cidade da Bahia que Antônio Balduíno troca a vida de compositor de sambas pela vida de carregador no cais. Até o momento, Baldo não tinha conhecimento do que ocorrera com sua amada Lindinalva desde sua partida, e é ao saber por Amélia que sua donzela está trabalhando como prostituta, já doente e com um filho para sustentar, que Baldo toma as dores da moça e promete em seu leito de morte que irá cuidar do filho dela como se fosse dele. A partir daí se desenrola o andamento que fará o herói negro tornar-se um líder grevista.

Balduíno durante toda sua trajetória se negou a ser escravo dos ricos, mas o que sua amada lhe pedira fez com que o negro se deixasse vencer para ir trabalhar como os demais explorados que tinham suas energias sugadas até a morte pelas estivas do Cais. O que Balduíno não sabia e estava por descobrir era que existia uma forma de não se deixar matar pelos guindastes e pela exaustão, visto que os trabalhadores possuem direitos e podem lutar por eles.

Aquilo era uma coisa nova para êle, uma das coisas que amaria fazer.[...] Os guindastes estavam parados, vencidos pelos inimigos que êles sempre mataram. E os donos daquilo

tudo, os homens que mandavam nêles, se escondiam medrosos, sem coragem de aparecer. Antônio Balduíno sempre tivera um grande desprezo pelos que trabalhavam. [...] mas agora o negro olhava com outro respeito os trabalhadores. Quando êles queriam, ninguém podia com êles. Aquêles homens magros que vieram da Espanha e viviam nos estribos do bonde cobrando passagens, aquêles negros hercúleos que carregavam fardos no cais ou manejavam as máquinas nas oficinas de eletricidade eram fortes e decididos e tinham a vida da cidade em suas mãos. [...] Antônio Balduíno também descobriu isto e foi como se nacesse de nôvo. (AMADO, 1969, p.273)

Ao descobrir o papel da greve e a possibilidade de liberdade que ela trazia para a vida dos trabalhadores, o herói vê perspectiva futura para sua vida e se percebe agora tão sábio quanto o pai de santo Jubiabá, que não tinha o conhecimento sobre a organização sindical e sobre o movimento trabalhista. Jubiabá aprende com Antônio Balduíno o significado da luta de classes e sua importância na vida não só dos trabalhadores, mas também na vida dos empregadores, que poderiam ter o olho da piedade mais uma vez aberto. Quanto à significação deste momento em que Baldo e Jubiabá estão falando entre iguais Duarte (1995, p.109) coloca que o protagonista “relativiza e introduz uma flexibilidade inexistente no modo maniqueísta com que o pai-de-santo explicava o mundo a seus seguidores.”

Balduíno ouvia as histórias que pai Jubiabá e o malandro Zé Camarão contavam desde sua infância, histórias de quando o pai-de-santo ainda era moço e vivia no tempo da escravidão, histórias que vão ajudar a compor a consciência negra dentro do herói e que foram determinantes para “ênfatizar que a recusa de um contexto opressivo conduz o personagem à vida nas ruas, em busca de sua afirmação enquanto ser humano digno e livre” (DUARTE, 1996, p.190-1). É seguro dizer que foi esta criação popular e informal cheia de fatos e situações místicas e folclóricas, bem como o contato desde cedo com a macumba e demais elementos da cultura negra, que proporcionaram ao jovem herói a noção de que a Bahia é dos negros e para os negros, que em seu tempo já não havia espaço para escravidão e abusos.

Daí surgiu o pontapé inicial para que, ao fugir da Travessa do Zumbi, Balduíno mostrasse que a dignidade e, como pai Jubiabá dizia, o “olho da piedade” estavam na maneira de agir e ver o mundo. Segundo Duarte, ao se unir aos meninos de rua para pedir esmola e praticar pequenos furtos,

Balduíno ensaia a prática de uma ética socialista, baseada na divisão igualitária de tudo que é arrecadado, na defesa dos mais fracos, na preocupação com o outro. As encenações mentirosas diante das mocinhas burguesas visam a denunciar a sociedade capitalista, com sua hipocrisia travestida em caridade. (DUARTE, 1996, p.101).

A noção política que na adolescência do jovem protagonista aparece de modo sutil, vai se tornando mais evidente, num crescendo de informações que vão se aglutinando por onde Balduíno passa e que dão auxílio na composição de sua formação. É a união de diversos fatores e fatos que permeiam a vida de Baldo que o fazem chegar à posição de líder grevista no final da narrativa. As calúnias inventadas em decorrência do racismo de Amélia, a vida difícil dos estivadores que morriam esmagados pelos fardos que carregavam no cais, a triste realidade vivida no tempo em que o jovem trabalhou nas plantações de fumo e a própria fase de explorado que viveu por determinado período em que trabalhara no cais, todas estas etapas formam o herói Antônio Balduíno que está no final do romance, que ganha um ABC e luta enquanto negro e enquanto trabalhador por melhores condições de vida para ele e para todos que sofrem nas mãos do racismo e da exploração.

As histórias que eram contadas no Morro do Capa Negro e o cotidiano da favela auxiliaram na construção do ponto de vista crítico de Baldo, no que diz respeito à política, do mesmo modo que o aproximaram da religião e do misticismo desde pequeno. Seja pelos trabalhos encomendados ao pai-de-santo Jubiabá, os quais Balduíno acompanhara desde a infância, seja pelas noites no terreiro de macumba onde o herói tinha o costume e o gosto de frequentar, a religiosidade afro-brasileira sempre se fazia presente, enchendo a alma do protagonista, que depois de aprimorar sua visão crítica ao ser inserido em um âmbito mais político como o do sindicato dos trabalhadores do qual participava “vislumbra a possibilidade de resignificar o mítico e o

lendário da cultura afro-brasileira, 'politizando-a' e, dessa forma, incorporando-a ao universo da luta e da consciência de classe.” ROSSI (2009, p.90). É importante notar que o “olho da piedade”, o qual Jubiabá sempre mencionava ser o que determina a bondade e o caráter de um homem, era o que norteava o comportamento de Baldo, sendo o lado místico que não o deixava perder sua honra e sua dignidade de herói, que não deixava “vazar o olho da piedade” nem nascer o “olho da ruindade” dentro de si.

A amarra entre a consciência negra e consciência de classe foi construída por Baldo após dois períodos que foram essenciais para que a noção de classe, injustiça e exploração ficassem mais claras para o herói, sendo o primeiro momento na plantação de fumo, localizada em Cachoeiras-BA, e o segundo momento já de volta à Salvador, quando substitui um estivador que fora vítima do trabalho semi-escravo vivido por todos que trabalhavam no Cais. Em ambos cenários, Balduino vê que não é só o negro que sofre discriminação e que fica às margens da sociedade, mas que os pobres e desvalidos também se enquadram na exclusão e no descaso.

Durante o tempo em que Baldo passou nas plantações de fumo, pôde observar que toda aquela gente vivia uma vida de miséria e sacrifício, sem um mínimo de salubridade. Ao contrário dos estivadores do Cais, que se organizam com outros setores de serviços e fazem uma greve forte e sólida, as operárias das plantações de fumo não possuíam a mesma perspectiva, talvez por não terem alguém que dissesse à elas e aos seus maridos que poderiam parar o trabalho para reivindicar seus direitos. O protagonista, no entanto, percebe por conta própria essa diferença entre os explorados do campo e os explorados da cidade, sendo que “agora via que os operários se não quisessem não seriam escravos. Se os homens das plantações de fumo soubessem, também fariam greve.” AMADO (1969, p.275). Baldo fala dessa questão no primeiro dia de greve, não com a intenção de discursar e colocar um posicionamento mais ou menos socialista, e sim com a ideia de um observador que experimentara a vida opressiva nas plantações de fumo.

Esse nível de exploração absurdo que Baldo juntamente com o(a)s outro(a)s operário(a)s vivenciaram, exploração que conviviam de modo tranquilo com o luxo no qual os explorados estavam imersos, é algo que se fazia presente no campo e na cidade, mostrando-se um contraste mais explícito na cidade interiorana de Cacheira:

No hotel de Cachoeira, que é cômodo e mesmo suntuoso, moçosalemãe bebem uíque e jantam jantares feitos especialmente para êles. Mulheres vieram da Bahia para dormir com êsses moços loiros e simpáticos. São filhos dos donos daquelas fábricas de onde saíram as mulheres operárias. Conversam em meio as bebidas e falam na salvação da Alemanha pelo hitlerismo, na prósima guerra mundial que êles vencerão.[...] Uma criança interrompe o jantar e diz:

– Uma esmola que minha mãe está morrendo...(AMADO, 1969, p.150)

Ao se observar o andamento da narrativa vê-se os momentos em que, assim como quando pequeno, “Antônio Balduíno ouvia e aprendia”, absorvendo tudo aquilo pelo que estava passando em forma de experiência e conhecimento, culminando no momento em que, como já discutido anteriormente neste capítulo, Baldo percebe que algo novo e bom está ocorrendo, algo que irá mudar a sua realidade e a realidade daquela gente tão sofrida. Desde o primeiro momento em que Balduíno ouve a palavra “greve” até o momento em que ele toma partido e passa a discursar e a participar arduamente da movimentação dos trabalhadores, muito ele aprende e se admira, não compreendendo porque pai “Jubiabá sabia coisas de santos, histórias da escravidão, era livre mas nunca ensinara a greve para o povo do morro.” (AMADO, 1969, p.289). É nesse ponto que Baldo resolve agir no meio em que nasceu e cresceu, quando entra na sessão de macumba e fala aos seus de algo que nunca ninguém falara, algo que soa como cético no sentido de que por mais que o misticismo esteja na alma de todos eles, é a luta política a verdadeira arma revolucionária que transformará cada negro e branco pobres, em pessoas verdadeiramente livres, falando às pessoas do morro:

Que adianta negro rezar, negro vir cantar pra Oxóssi?
Os ricos manda fechara festa de Oxóssi. Uma vez os policiais fecharam a festa de Oxalá quando êle era Oxolufã, o velho. E pai Jubiabá foi com eles, foi pra cadeia. Vocês se lembram, sim. O que é que negro pode fazer? Negro não pode fazer nada, nem

dançar pra santo. Pois vocês não sabem de nada. Negro faz greve, pára tudo, pára guindastes, pára bonde, cadê luz? Só tem a estrêlas. Negro é a luz, é os bondes. Negro e branco pobre, tudo é escravo, mas tem tudo na mão. [...] Meu povo, vamos pra greve que a greve é como um colar. Tudo junto é mesmo bonito. Cai uma conta, as outras caem também. Gente, vamos pra lá. (AMADO, 1969, p.278)

Ainda no segundo dia de greve o protagonista aprende que a revolta e a luta individual que ele vivera até então, negando-se a trabalhar e a ser mais um escravo das fábricas e dos guindastes era uma luta que nada poderia alterar a realidade dos que sofriam com a dura realidade proletária, já “Na luta da greve não. Êles iam perder um pouco da escravidão, ganhar mais alguma liberdade. Um dia fariam uma greve ainda maior e não seriam mais escravos.” (AMADO, 1969, p.290). É relevante notar que a maneira com que Jorge Amado escreve todo esse desenvolvimento do protagonista no ambiente da luta de classes e do propósito comunista não atrapalham o aflorar da consciência negra no rapaz, ao contrário disto, eleva o personagem e “faz de Antônio Balduíno o primeiro herói negro da literatura brasileira.” (DUARTE, 1996, p.108). Parte da crítica literária acredita que não era compatível a união entre raça e classe social dentro da obra, pelo fato de que o comunismo em sua origem não aceitava qualquer tipo de manifestação de crença religiosa, problemática que segundo Duarte se dissolve, pois “encontra entre os comunistas brasileiros uma atitude mais tolerante...” (DUARTE, 1996, p.106). Duarte dá como exemplo o próprio Jorge Amado, que em 1946 como deputado defendeu a liberdade religiosa e proibiu a repressão aos cultos afro-brasileiros na forma da lei. Este e outros fatores que só são encontrados aqui no Brasil permitem que Antônio Balduíno não caia em extremismos que fariam a obra perder em naturalidade e quebrariam com a proposta, muito bem executada, de Jorge Amado ao compor um romance sobre a vida do negro proletário no Brasil.

Ao se observar como o autor constrói e amarra a narrativa no que diz respeito à raça e à luta de classes, pode-se perceber que Antônio Balduíno, enquanto participante da macumba do pai Jubiabá e da vida proletária no Cais, funciona como um ponto de intersecção entre os âmbitos da cultura afro-brasileira e da luta proletária. Tal

intersecção harmoniza o romance, compondo uma trajetória em que a consciência política cresce gradativamente, depois de uma série de acontecimentos que contextualizam a evolução de pensamento do protagonista. O fato de que o herói negro aprende o socialismo e a luta de classes no decorrer da narrativa torna o enlace entre cultura afro-brasileira e a política de esquerda uma questão mais natural e verossímil que em *Cacau* e *Suor*. Rossi coloca que em *Jubiabá*

A temática racial ganhou novas roupagens e abordagens específicas na obra do escritor baiano, não mais oferecendo obstáculos para se pensar o Brasil, como em *País do Carnaval*, nem submersa inteiramente em um mundo proletarizador/proletarizado, como em *Cacau* e *Suor*. (ROSSI, 2009, p.96)

Críticos como Luiz Costa Lima (2004) afirmam que o protagonista Antônio Balduino passa de malandro a proletário por uma causa demasiadamente sentimental, o que não serve como justificativa única para tamanha virada na narrativa. Apesar de a crítica ver nesse ponto da trajetória do herói um problema, é válido pensar que *Jubiabá* não surgiu com o intuito de formar uma narrativa isolada e estritamente técnica, mas de dar aos brasileiros uma obra que conte um pouco do que é o povo marginalizado e incentive a luta através do tom romântico e idealizado, tendo o romance o calor e o tom poético típico de Jorge Amado que, segundo Antonio Candido é “o maior romancista do amor, força de carne e de sangue que arrasta os seus personagens para um extraordinário clima lírico.” (CANDIDO, 2004, p.47)

O andamento visto na vida de Antônio Balduino da infância à vida adulta é permeado pela cultura negra, que Jorge Amado mostra de uma maneira intensa, culminando na luta travada por negros e brancos que visam o mesmo objetivo: o de ter direitos respeitados e vida sem preconceitos de ordem social e racial. Na parte que se segue será analisado o romance *Tenda dos Milagres*, obra que segundo o próprio autor “é na verdade uma reescrita de *Jubiabá* mas com outra conotação.”(RAILARD, 1990, p.216)

Tenda dos Milagres: morte e vida de Pedro Archanjo

Tenda dos Milagres foi publicado por Jorge Amado em 1969 e, como dito ao final do capítulo anterior, foi segundo o próprio autor uma reescrita de *Jubiabá*, guardadas, é claro, as devidas proporções. A obra tem um narrador heterodiegético que descreve pontos da cidade de Salvador, o Pelourinho e o que se passa no perímetro, e o narrador-personagem Fausto Pena que a pedido de um grande estudioso estrangeiro ganhador do prêmio Nobel chamado James D. Levenson, pesquisa e conta a trajetória do protagonista Pedro Archanjo, sem saber que sequer será lido ou referenciado por Levenson, que de tudo que o pesquisador lhe enviara faz uso apenas de uma foto, acabando por inventar em seu prefácio que “Archanjo é promovido a professor, a membro eminente da Congregação da Faculdade de Medicina, [...] por cuja conta e encargo realizara suas pesquisas e publicara seus livros...” (AMADO, 1979, p.23).

Fausto Pena aparece no início do primeiro capítulo da narrativa para deixar explícito que a história que irá se seguir foi por ele resgatada e escrita. Depois da contextualização e do início do andamento da narrativa, Fausto Pena torna a aparecer brevemente no entremeio da narrativa numa espécie de parênteses dentro da história, e depois apenas ao final do romance, para dar fechamento ao “estudo” feito, que é o romance propriamente dito. Vale lembrar que por se tratar de ser o fruto de uma pesquisa profunda acerca da vida de Pedro Archanjo e seus feitos, Pena fica no plano de narrador-personagem durante todo o período em que conta a história, oscilando entre observador e pesquisador e aparecendo apenas como personagem periférico quando “despede-se” da escritura do trabalho sobre o protagonista Archanjo, já não sendo mais o narrador nos capítulos que estão ao final da obra e que dizem respeito à comemoração do centenário de nascimento de Pedro Archanjo.

O fato de haver no romance esses dois tipos de narrador e o discurso indireto livre tornam difícil à percepção do leitor quando cada narrador toma a frente do romance, fazendo com que esse tipo de construção seja considerada uma forma de dissimular a origem do discurso, entrelaçando narrador, personagem e autor, o que torna o desenrolar da obra mais fluido e dinâmico como pode ser visto no trecho seguinte:

Meu Deus! o meu rapaz, tão menino ainda! Pedro Archanjo aplaude pensativo. Já não é serena sua alegria, temperou-se agora de pressentimento. De qualquer maneira, Tadeu, tens minha inteira aprovação. Haja o que houver, seja como for, custe o que custar, não recuses. Somos de boa cepa, nosso sangue misturado é bom de briga, não recuamos nunca, e não abrimos mão de nosso direito, vivemos para exercê-lo. (AMADO, 1979, p.214)

Além da desenvoltura narrativa que já é de praxe nessa estrutura discursiva, o leitor se sente mais próximo e mais envolvido à trajetória do protagonista, que acaba amparada e bem articulada por diversos personagens secundários que se expressam e auxiliam na configuração da história do personagem central Pedro Archanjo, conferindo uma base sólida para não deixar a narrativa cair na superficialidade. A estrutura narrativa também torna possível perceber a hipocrisia que se encontra presente no discurso dos poderosos que estavam no comando da organização do evento comemorativo dos cem anos de Archanjo, estrutura que permitiu que o narrador observador, heterodiegético, trouxesse um ponto de vista que critica “o oportunismo dos publicitários e empresários que organizam e patrocinam a comemoração do centenário de Archanjo: alguns chegam a sugerir que Fernando Pessoa (!) seja o tema do concurso Pedro Archanjo de redação, proposto aos estudantes secundaristas.” (GOLDSTEIN, 2003, p. 191). Ainda segundo Goldstein (2003, p. 192) o autor de *Tenda dos Milagres* escreve dessa forma por ser algo que provavelmente “ocorre também com o criador Jorge Amado, que, involuntariamente, era usado em diversas peças publicitárias”.

A partir do trecho acima é relevante ressaltar novamente que Jorge Amado sempre foi alvo de uma crítica não simpatizante com esse seu modo de escrever, famoso por utilizar de instrumentos normalmente colocados na oralidade. É neste ponto, entretanto, que a narrativa amadiana ganha em riqueza e auxilia na formação de um Pedro Archanjo mais humano e menos técnico, o que é imprescindível em se tratando de um personagem que une instrução e tradição:

O clima de aventura e heroísmo, o apego à tradição da narrativa popular, a busca dos modelos incrustados na herança

da oralidade, com sua poesia e seu ritmo, *tudo isto amalgamado no cadinho fervente do questionamento de estruturas injustas e do incentivo à luta e à resistência ao poder que subjuga e humilha: eis a contribuição amadiana para a evolução de nosso romance*. Uma contribuição que não abdica do enredo bem tramado e que passa distante dos “jogos gratuitos” com a linguagem. E que não se envergonha do que é popular, do que é popularizado ou vem da tradição. Em suma, Jorge Amado deixa como exemplo uma ficção que não teme dizer de novo a mais antiga das histórias: a da eterna viagem do homem em busca de seu destino (DUARTE, 1996, p. 252, grifo meu).

Ponto essencial para o melhor entendimento de como se dá a construção do romance é perceber que além dos aspetos acima citados nas palavras de Assis Duarte, se tem o arranjo temporal que Jorge Amado propõe. O romance se inicia com os atos comemorativos que visam homenagear Pedro Archanjo depois de 25 anos de sua morte, seguindo do momento em que Pedro Archanjo falece, retornando à comemoração uma vez mais e só então parte para contar a trajetória do protagonista. Esse intercalamento entre presente e passado ocorre durante toda a narrativa, oscilando entre tempos que vão desde o surgimento do primeiro Afoxé, que fora organizado por Archanjo e Lídio Corro, ainda no final do século XIX, até o período presente da obra, que caracteriza o centenário de nascimento do protagonista, em 1968.

Ao se observar a história sob uma perspectiva cronológica é possível perceber que já nos primeiros Afoxés o povo e a cultura negra da Bahia precisavam impor-se e resistir a tudo e a todos que externavam preconceito e hostilidade e que iam contra os costumes afro-brasileiros com ódio irascível:

Onde estava a polícia? Que fazia “para demonstrar que esta terra tem civilização?” A continuar essa escandalosa exibição de África: as orquestras de atabaques, as alas de mestiças e de todos os graus de mestiçagem – desde as opulentas crioulas às galantes mulatas brancas –, o samba embriagador, esse encantamento, esse sortilégio, esse feitiço, então onde irá

parar nossa latinidade? Pois somos latinos, bem sabeis, se não sabeis, aprendereis à custa de relho e de porrada. (AMADO, 1979, p.83-4)

A violência gratuita ostentada pela elite aparece desde cedo em *Tenda dos Milagres* e permanece forte durante toda a narrativa, tendo ironicamente uma de suas origens vindas da Faculdade de Medicina de Salvador, que predominantemente elitista e recheada de erudição discutível, tinha alta influência sobre outros níveis de poder na cidade. É de suma importância que ao acompanhar o desenvolvimento da história se perceba que por mais que Pedro Archanjo e tantos outros travem lutas que ultrapassam décadas, a mentalidade dos que tem preconceito dificilmente muda, avança positivamente. Apesar de Jorge Amado ter publicado *Tenda dos Milagres* no final dos anos de 1960 essa triste realidade é, infelizmente, observada até hoje em cidades governadas por um Cristianismo cego e inquisidor, que exige um respeito às suas crenças, mas não o oferece a outras. Além do Afoxé de Carnaval que é vetado pela polícia logo adiante do trecho que acima foi citado, os espaços de Candomblé também passam por grande repressão nas mãos do delegado Pedrito Gordo e seus capangas, que tomam por capricho desmanchar toda e qualquer movimentação nos terreiros e passam fazendo estragos pela cidade.

Dentro de uma realidade tão dura em que a cultura afro-brasileira se vê acuada e desprotegida se insere o Pedro Archanjo, “que parecia saber tudo sobre a África que se alongarana Bahia. A sua África era, portanto, fundamentalmente a África que vieracom os iorubás e se abrasileirara, ao justapor-se e somar-se a outras culturas.” (SILVA et al, 2012, p.139). Com força e garra Archanjo entra para luta com seus companheiros de guerra Lídio Corró, Valdeloir, Aussá, Mané Lima, entre outros. A vontade e persistência do protagonista em ver sua cultura e a de seu povo ganhar o merecido espaço começa com a ação direta contra o Coronelismo e a Igreja inquisidora, persistência que será aprimorada a partir do momento em que Archanjo percebe a necessidade de criar uma resistência baseada em uma argumentação que seja bem elaborada e firmada em teóricos e conceitos que dão suporte às anotações e observações que sempre fez em suas andanças pela cidade. Abaixo segue o trecho em que o

protagonista expõe a razão pela qual decide estudar e se informar melhor antes de partir para o contra-ataque:

Meu bom compadre, declarava Archanjo a Lídio, devo uma grande obrigação a esse professor Argolo que deseja capar negros e mulato, a esse mesmo que açula a polícia contra os candomblés, o Monstro Argolo de Araújo. Para me humilhar – e me humilhou –, exibiu-me, um dia, minha ignorância inteira. Primeiro, fiquei com raiva, safado da vida. Depois, pensei: é certo, ele tem razão, sou um analfabeto. Eu via as coisas, meu bom, mas não as conhecia, sabia de tudo mas não sabia saber.” (AMADO, 1979, p. 201)

Ao observar o efeito que as injúrias ditas pelo professor Argolo causaram em Archanjo, é válido dizer que o protagonista do romance de Jorge Amado não encara de forma negativa as críticas feitas mesmo pelos que querem vê-lo cair, nem teme mudar a forma de ver o seu próprio desenvolvimento, uma vez que tal mudança tem o poder de aprimorar sua atuação na luta por igualdade e de transformá-lo em um indivíduo mais bem preparado para defender o direito de todos poderem expressar-se artística e religiosamente. É a humildade e a modéstia que dão ao protagonista a chave para permanecer forte e aclamado pela gente que esteve ao seu lado durante toda sua vida. Pedro Archanjo mesmo depois de velho continuou a acompanhar reivindicações e chegou a ir, já bastante debilitado, a uma manifestação antifascista que ocorria na Praça da Sé da cidade de Salvador. Quanto à visão política que Archanjo possuía no que se diz respeito à manifestação que ocorrera na Primeira Guerra Mundial em comparação ao que lhe passava pela cabeça depois de todas essas décadas segue o trecho:

Muitos anos antes, quando na Primeira Guerra Mundial, o velho ouvira o estudante Tadeu Canhoto exigir daquela mesma janela a participação do Brasil no conflito contra o militarismo germânico. Aquela primeira grande guerra não o afetara maiormente, [...] Vibrava, isso sim, com os discursos de Tadeu, a fascinante inteligência do rapaz, a frase

justa, o raciocínio claro. [...] Agora é diferente: o velho bebe, ávido, cada palavra do moço estudante, árdego mestiço a acusar o racismo, juventude impetuosa a vislumbrar o futuro. Desce do banco: nessa guerra é veterano, nela combate hpa muitos anos, em suas trincheiras consumiu a vida. (AMADO, 1979, p.321)

Essa constatação feita pelo narrador mostra os extremos na linha de pensamento do protagonista Pedro Archanjo, que outrora se admirara com o falar bonito e eficaz do afilhado e que agora “sabendo saber”, já ao fim da vida, vê que além da eloquente fala dos jovens do antifascismo e da liberdade de expressão existe um forte argumento que visa mudança social e transformação cultural.

Mesmo depois de muito estudar e aprender, Pedro Archanjo jamais se deixou atingir pelo eruditismo desnecessário e falso, que também fora um fator prejudicial e dificultador na vida e luta diária do personagem desde a época dos Afoxés, quando a elite exigia o respeito às famílias tradicionais e aos bons costumes. É de grande relevância observar que pessoas com o mesmo tipo de ideologia das que exigiam respeito das famílias de bem na segunda citação desta parte do trabalho são as que destroem os terreiros do Candomblé, que extorquem a população e que bebem de graça pelos bares da cidade.

É também importante que se perceba que dos tempos em que foram organizados os primeiros Afoxés, até a cerimônia de comemoração do centenário de Pedro Archanjo se passam quase 70 anos, sem que, entretanto, essa erudição e tradicionalismo tolos deixem de existir. O modo com o qual o evento do centenário de Archanjo é organizado nada condiz com as ideias nas quais o homenageado acreditava, e as pessoas que administram a organização são poderosos que acabam vetando o Seminário da Mestiçagem e *apartheid*, uma das poucas, senão a única parte do evento que se encaixaria perfeitamente com o propósito que Archanjo buscara a vida inteira, veto que ocorre principalmente por conta da ditadura militar, que era a besta-fera política reacionária da vez.

Durante toda sua vida o protagonista de *Tenda dos Milagres* manifestou sua revolta contra o racismo e o preconceito e lutou para que toda a repressão acabasse. Pedro Archanjo sempre fora malandro, já nascera adiantado com a parteira chegando e falando “isto é um Exu, que Deus me livre e guarde, só mesmo gente do Cão nasce sem esperar parteira. Vai dar muito o que falar e o que fazer.” (AMADO, 1979, p.205). E realmente desde pequeno Archanjo aprendera a ser forte e persistente como sua mãe, que o criou sozinho depois que o pai morreu na guerra do Paraguai. Adorador de cachaça e mulheres, divertia-se no Carnaval e no Candomblé e fazia filhos em diversas mulheres, “Não restava dúvida, Archanjo era o Cão” (AMADO, 1979, p.87). Ainda no início do romance Pedro Archanjo enquanto dorme com uma viajante finlandesa, sonha com a mulher Rosa de Oxalá, esposa de seu melhor amigo Lídio Corró. O sonho que o protagonista tem com Rosa mostra ao leitor que ali reside um amor que não poderia existir, enquanto a noite que passou com Kirsi representa a miscigenação que Archanjo tanto defendeu colocada em seu máximo devir.

Mesmo quando era ainda uma pessoa leiga no que diz respeito a conhecimentos teóricos, o personagem Pedro Archanjo já era um indivíduo que batalhava pelo fim do preconceito racial e cultural, respondendo aos artigos racistas que eram escritos por professores da Faculdade de Medicina como Nilo Argolo, símbolo maior do pensamento retrógrado e pseudo-erudito. Archanjo percebe que apenas enviar cartas de resposta aos jornais e às revistas não era o bastante, decidindo publicar seu primeiro livro, intitulado *A Vida Popular da Bahia*. O livro foi impresso na Oficina de Lídio Corró, onde eram impressos também folhetos e propagandas e onde Lídio riscava os Milagres que pessoas de diversos locais da Bahia e de todo o Nordeste lhe vinham encomendar.

Seu Assis foi categórico: “Só me serve o senhor: me disseram que não existe ninguém mais competente, e eu quer, meu amigo, do bom e do melhor; foi um milagre de primeira, seu Corró, aquilo não era uma onça, era um despropósito de bicho sem entranhas, os olhos, acredite, uma iluminação!” A

crer no sertanejo, daquela vez Senhor do Bonfim se superara.
(AMADO, 1979, p.90)

Na “Tenda dos Milagres” foi impresso o primeiro livro que Archanjo escrevera, obra que fora publicada com trabalho árduo do autor e seu compadre Lídio Corró. O incentivo para que o protagonista publicasse livros que falavam do conhecimento da vida popular em Salvador partiu de diversas personagens que estavam sempre presentes na vida de Archanjo e que o impulsionaram de diversas maneiras. Corró sempre vira em seu compadre um homem sábio, seu amigo Manuel Praxedes também o provocou a iniciar a escrita ao sugerir que Archanjo fosse encomendar o livro a um catedrático e, a maior incentivadora foi a mãe-de-santo MajéBassã, que ao ouvir falar da escritura de uma obra literária por Pedro Archanjo lhe comenta:

– Soube que tu disse que vai escrever um livro, mas sei que tu não está fazendo, o teu fazer é só da boca pra fora, tu se contenta com pensar. Tu passa a vida xeretando de um lado para outro, conversa aqui, conversa ali, toma nota de um tudo e pra quê? Tu vai ser toda a vida contínuo de doutor? Só isso e nada mais? O emprego ´pra teu de-comer, para não passar necessidade. Mas não é pra te bastar nem para te calar. Não é pra iso que tu é Ojuobá. Então Pedro Archanjo tomou da caneta e escreveu. (AMADO, 1979, p. 146)

A partir daí, o protagonista cria sua obra, que apesar de acanhada e medrosa nos primeiros capítulos, logo se solta e flui através das palavras que falam do povo e da cultura afro-brasileira. Ao lançar seu primeiro livro, Archanjo apesar de não bater de frente compeessoa específica alguma, compra uma briga não somente com os catedráticos da Faculdade de Medicina, mas também com o delegado Pedrito Gordo e seus subordinados. O professor Nilo Argolo publica e apresenta em 1904 no Congresso Científico no Rio de Janeiro “A Degenerescência Psíquica e Mental dos Povos Mestiços – O Exemplo da Bahia”, que juntamente com diversos outros artigos e escritos de vários

professores racistas acabam sendo rebatidos com textos mais bem elaborados, além do livro *Apontamentos Sobre a mestiçagem nas Famílias Baianas*, primeira obra em que Archanjo se coloca diretamente contra os trabalhos clássicos e cientificamente vazios do arrogante professor. Nessa época graças à MajéBassã e seus contatos, Archanjo já fazia parte do corpo de servidores da Faculdade de Medicina havia 2 anos, o que facilitou o seu infortúnio encontro com Nilo Argolo, que não perdeu tempo e logo o humilhou e o provocou com seus comentários extremamente preconceituosos. Apesar de ter passado por essa difícil situação, Pedro Archanjo tira das rudes palavras o melhor que pode, e decide aumentar seu nível de instrução e aprofundar seus conhecimentos, principalmente em teoria e idiomas estrangeiros.

As críticas vindas de seus rivais eruditos serviram-lhe para tornar seus argumentos engajados e sua luta pela diversidade cultural e pela miscigenação muito mais forte. Agora o êxito alcançado por Archanjo ultrapassava os terreiros de candomblé, as rodas de samba e as festanças na Tenda dos Milagres, chegando aos ouvidos de estudantes e professores como Silva Virajá, que o auxiliou a galgar um novo patamar de sabedoria, na formação de ideias e de argumentos. Desde que se tornara bedel na faculdade, Pedro Archanjo fora apresentado a pessoas com a mesma linha de pensamento que a sua, como foi o caso de quando conheceu o professor Fraga Neto, que além de concordar com as ideias de Archanjo, também se torna um instrumento pelo qual Jorge Amado coloca o auge da sabedoria do protagonista já herói que, ao ser perguntado sobre como e porque ainda frequenta o candomblé mesmo que não tenha a mesma fé, explica a importância e a força que o Candomblé representa na luta para que os negros adquiram respeito e espaço, explicando ao professor que

Ele era um só, branco e negro ao mesmo tempo, fruto de uma abençoada miscigenação, que fez dele um só e mesmo mulato, Pedro Archanjo e Ojuabá, olho de Xangô. Não precisava dividir-se em dois, com hora marcada para um e outro, o sábio e o homem. Não renegava o candomblé, porque nascera nele. Mas não podia também renegar a ciência, porque a sabedoria popular era em si incompleta. Se se limitasse a essa sabedoria, poderia saber de tudo, mas não saberia saber, como a criança

que come uma fruta, sabe o gosto que ela tem, mas não conhece a causa desse gosto. (ROUANET et al, 2012, p.130).

O protagonista Pedro Archanjo vai de malandro a herói sem, entretanto, deixar de ser o homem do povo que sempre foi, mantendo até o final do romance seu estilo de vida simples, porém feliz, e sem deixar com que o conhecimento teórico lhe transformasse a essência de guerreiro a favor da cultura e costumes afro-brasileiros. O único que explicitamente percebe o crescimento do protagonista é Lídio Corró, que vê agora um Pedro Archanjo menos irresponsável e mais sábio, menos farrista e mais sério. Todos os demais conhecidos da Tenda continuaram vendo Pedro Archanjo como sempre o viram, que “com ele não há quem se compare, até livro escreve, sabe mais do que doutor formado e é nosso igual.”(AMADO, 1979, p.230-1)

Em cada camada da sociedade Archanjo possuía conhecidos, que ou lhe queriam bem ou lhe desejavam o fracasso. Como já anteriormente mencionado, Pedro Archanjo tinha na mãe MajéBassã uma verdadeira conselheira e amiga, que lhe deu auxílio espiritual e conselhos sinceros que foram essenciais na construção do protagonista herói do final da obra. Praticamente paralelo à mãe-de-santo, está Lídio Corró, que sempre fazia o esforço que fosse necessário para que os textos de Archanjo fossem publicados e tivessem o maior alcance possível, enviando-os para instituições de ensino nacionais e internacionais. Quanto aos amores, tópico muito relevante tanto para o personagem central quanto para a simbologia do romance, podem-se colocar duas questões: de um lado está Rosa de Oxalá, seu verdadeiro amor que nunca pode se realizar por ser o amor também de seu amigo Lídio, e do outro lado, está Kirsi, finlandesa que passa pelo Brasil em viagem, mulher com quem Archanjo tem um de seus muitos filhos, representando a miscigenação e a história humana universal, as quais ligam todas as cores, credos e raças. Já em relação aos personagens da Faculdade de Medicina e da polícia é seguro dizer que essas duas áreas são vias de mão dupla para o protagonista, uma vez que apesar de serem tudo que há de mais preconceituoso no romance, também serviram para que a luta de Archanjo tivesse força aumentada, no que diz respeito ao delegado Pedrito e organização aprimorada, no que diz respeito ao terrível Nilo Argolo e também às amizades de professores como Silva Virajá e Fraga Neto, que sempre lhe deram muito apoio e sempre tiveram por Pedro Archanjo uma grande estima.

Entre um malandro pai de vários filhos que tiveram maior ou menor espaço na narrativa e um herói defensor do povo e da cultura afro-brasileira contra o preconceito, Pedro Archanjo com a ajuda dos que partilhavam de suas ideias cria um forte poder de luta como intelectual engajado e vencedor, que abriu portas para que seu filho Tadeu estudasse e fosse um engenheiro bem sucedido, que devolveu à cidade o direito à liberdade de culto do Candomblé e que não deixou no esquecimento a história dos negros no Brasil.

Conclusão

O início deste trabalho tratou de como se deu a produção literária do autor Jorge Amado desde a década de 1930 até o final da década de 1960. O panorama feito acerca dessas quatro décadas, com ênfase na primeira e na última, teve como objetivo situar a carreira de Jorge Amado dentro do contexto nacional, político e social. Ao fazer a análise de *Jubiabá* e *Tenda dos Milagres*, foi possível observar pontos comuns e certas disparidades entre os dois romances, que foram ambos publicados em momentos que de certo modo tornaram-se singulares para o Brasil, representando em seus personagens principais Antônio Balduino e Pedro Archanjo, respectivamente, questões sociais, culturais e políticas de modo pertinente às épocas em que cada obra foi publicada: Estado Novo e Ditadura Militar. Segundo Assis Duarte (2002)

Se Antônio Balduino, de *Jubiabá*, surge como primeiro herói negro de tonalidades épicas do romance brasileiro, Pedro Archanjo, de *Tenda dos milagres*, cumpre, 35 anos depois, o papel de intelectual afro-descendente identificado à negritude e preocupado não apenas com a aceitação do filho mulato entre os brancos, mas também em deter e refutar cientificamente o repúdio oficial à cultura afro-brasileira. Mestre Archanjo não apenas frequenta e estuda os rituais e suas origens. Estuda também a genealogia das elites locais, para nela detectar as uniões interétnicas e a miscigenação recusada pela prática segregacionista. (DUARTE, 2002, s/p)

Jubiabá, como já foi observado no segundo capítulo deste trabalho, apresenta ao leitor a trajetória de um malandro que galga sua história num trajeto com várias mudanças e grande crescimento enquanto sujeito capaz de pensar e modificar seu meio, do mesmo modo que ocorre em *Tenda dos Milagres*. O que diferencia Antônio Balduino e Pedro Archanjo no que diz respeito ao ponto de partida, quando eram ambos malandros, e ao ponto de chegada, quando se tornam heróis, está no trajeto e nas prioridades que cada um destes personagens encara no decorrer das narrativas. Em *Jubiabá* o protagonista passa por momentos de reflexão após a briga com Zequinha e passa pela virada final quando promete cuidar do filho de Lindinalva como se fosse seu.

Já em *Tenda dos Milagres* o que impulsiona Pedro Archanjo são as críticas feitas por Nilo Argolo e sua trupe preconceituosa e os conselhos encorajadores de mãe Majé Bassã e seu compadre Lídio Corró. A motivação que faz com que cada um alcance o heroísmo acompanha o interesse de cada protagonista, que em *Jubiabá* se concentra na política em prol da raça com ênfase na coletividade da luta de classes, e em *Tenda dos Milagres* se volta para a cultura, também em prol da raça, mas num sentido de coletividade enquanto mistura de cores e credos.

Outro aspecto que apresenta certa divergência entre Baldo e Archanjo é que, apesar de os dois personagens lutarem por direitos que são negados aos que vivem às margens da sociedade, Baldo começa com um forte desprezo pelos brancos, que depois dá lugar a luta pela liberdade trabalhista, o direito da greve e de condições melhores de trabalho. Enquanto em *Jubiabá* negros e brancos são unidos pela busca de um mundo menos explorador e mais igualitário, em *Tenda dos Milagres* se observa a peleja de Archanjo contra o racismo e o preconceito, na busca pela liberdade religiosa, pela miscigenação e pelo direito do povo de frequentar e organizar macumbas nos terreiros de Candomblé. Ao analisar as duas obras é possível perceber que essa diferença entre foco de resistência ocorre não só ao final da narrativa, mas durante todo processo que leva ambos os protagonistas de malandro a herói. Quanto a esta dualidade Rouanet (2012) coloca:

O materialismo soviético criava polaridades que se baseavam numa lógica disjuntiva: ou isto ou aquilo. Por isso era um materialismo intolerante. Já o candomblé tende a ser conjuntivo – não ou/ou, mas e/e. Contribuindo para que as oposições entre os dois planos, o mágico e o da realidade cotidiana, sejam atenuadas pelo jogo da lógica conjuntiva, ele acentua mais as semelhanças que as diferenças, e com isso predispõe para a tolerância.

Tudo isso se ajusta como uma luva a Jorge Amado. Em sua fase militante, seu dualismo era maniqueísta: o mundo estava dividido em dois blocos irreconciliáveis, o comunismo, campo do bem, e o capitalismo, o polo do mal. Depois, seu dualismo se tornou mais inclusivo. Por que escolhas radicais,

que excluem um dos polos, quando é sempre possível acolher elementos dos dois polos? (ROUANET, 2012, p.131)

Por se tratar de um romance de esquerda da década de 1930 é natural que o personagem principal de *Jubiabá* demonstre um ímpeto maior de resistir à opressão dos empregadores ao passo que, *Tenda dos Milagres* publicado em plena ditadura militar, sugere a defesa da liberdade de expressão e da miscigenação enquanto oposição ao nazifascismo, que também é fortemente criticado em provável analogia à ditadura que ocorria no Brasil à época em que foi escrito. Além de *Jubiabá* e *Tenda dos Milagres* terem essa bifurcação no foco de crítica que Jorge Amado propõe em cada obra, é relevante notar que o maniqueísmo que a crítica indica haver no modo como o personagem Antônio Balduino vê empregador/empregado, já não cabe mais ao protagonista de *Tenda dos Milagres*, que vê em seus antagonistas ainda uma possibilidade de mudança.

Já no que tange a vida amorosa de ambos os personagens em suas respectivas trajetórias, é possível colocar Lindinalva, idolatria de Antônio Balduino e Rosa de Oxalá, amor de Pedro Archanjo em patamares muito próximos, se considerado o rumo que a vida de ambas toma e o distanciamento sofrido no meio da trama entre as duas mulheres e os protagonistas, que ao reverem suas respectivas amadas já as encontram sem o espírito alegre e saudável de outrora. Outro aspecto que não pode deixar de ser colocado é o fato de que tanto Balduino quanto Archanjo passam pela vida de diversas outras mulheres, mas em todas elas só enxergam Lindinalva e Rosa de Oxalá, respectivamente, dando uma ideia de amor platônico e extremamente romântico, que em ambas as narrativas surge de modo quase contrastivo se colocado lado a lado com as várias mulheres com que se relacionaram e, no caso de Archanjo, com que teve vários filhos.

Das relações e comparações que podem ser feitas entre os dois romances talvez a mais interessante e com maior importância seja entre o momento em que Balduino fala ao pai Jubiabá a importância de se fazer greve e de participar de movimentos e sindicatos trabalhistas, e o momento em que Archanjo explica ao professor Fraga Neto o motivo pelo qual continua a incentivar e a ir ao Terreiro do Candomblé mesmo sem ter a fé que tivera no início de sua trajetória. É interessante notar que nas duas obras esse momento chave marca o auge de instrução e de conhecimento que os protagonistas

vinham aprimorando e conquistando durante toda a narrativa. Quando Baldo e Archanjo apresentam seus pontos de vista aos que antes eram seus mestres e lhes dizem o que pensam quanto a questões que exigem uma maior visão de mundo, demonstram que agora também são mestres e estão à altura de quem antes lhes serviam de inspiração. Os protagonistas também mostram que estão prontos para discutir questões que o pragmático Jubiabá ou o teórico Fraga Neto não conseguiriam por não conhecerem os dois lados do saber, que englobam o conhecimento teórico e prático. Pai Jubiabá, apesar de ser sábio e muito vivido, não poderia por si só conhecer tudo que se relaciona aos direitos trabalhistas de um povo, uma vez que a greve e a coletividade estão embasadas em estruturas complexas construídas a partir de leis e teorias. Do mesmo modo o professor Fraga Neto não iria sozinho se dar conta apenas com uma base de teoria antropológica forte para bater de frente contra o etnocentrismo e o coronelismo. Isso não bastaria porque a liberdade religiosa e de expressão precisa da prática dos costumes e rituais para que se mantenham vivas e ativas contra seus adversários.

Depois de fazer algumas comparações fica evidente que Jorge Amado utiliza várias ideias de *Jubiabá* para escrever *Tenda dos Milagres*, fazendo as alterações de forma comedida para que não se perdesse essas afinidades entre os romances, estabelecendo uma interessante relação paralela e enriquecendo sua bibliografia e a literatura brasileira como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Jorge. *Jubiabá*. 19ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1969.

AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1979.

CANDIDO, Antonio. Poesia, documento e história In: _____. *Brigada Ligeira*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004. p. 41-62.

DUARTE, Eduardo de Assis. Classe, gênero, etnia: povo e público na ficção de Jorge Amado, In: *Cadernos de Literatura Brasileira*. São Paulo, Instituto Moreira Salles, n.3, p.88-97, mar. 97.

DUARTE, Eduardo de Assis. Morte e Vida de Jorge Amado. *Revista Brasil de Literatura*, Ano IV, 2002. Disponível em <<http://filipe.tripod.com/jorgeamado.html>>. Acesso em 20 jun. 2014.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: romance em tempo de utopia*. 1ªed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

GOLDSTEIN, IlanaSeltzer. *O Brasil Best Seller de Jorge Amado: literatura e identidade nacional*. 1ªed. São Paulo: Senac, 2003.

LIMA, Luís Costa. Jorge Amado In: COUTINHO, Afrânio (Dir.). *A literatura no Brasil*. 7ªed. São Paulo: Global Editora, 2004.

ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. *As cores da revolução*. São Paulo: Annablume, 2009.

ROUANET, Sergio Paulo. A utopia Mestiça de Jorge Amado In: *Revista Brasileira*, Ano I, nº 73, p.129-135. Out.-Nov.-Dez. 2012. Disponível em <http://ebookbrowse.net/gdoc.php?id=464277024&url=3a1d393e7b3637af445d1442a083b6a> Acesso em 21 jun. 2014.